

## A tradição e os elementos regionais na pregação modernista<sup>1</sup>

Prof. Dr. José Luiz Ferreira<sup>i</sup> (UFERSA/UERN)

### RESUMO:

A partir da leitura dos textos esparsos publicados por Luís da Câmara Cascudo, nos jornais natalenses *A Imprensa* e *A República*, ao longo dos anos 1920, dentre outras ações intelectuais por ele desenvolvidas, podemos encontrar os elementos que revelam as posições assumidas pelo escritor frente aos dois principais acontecimentos culturais e literários que agitaram o cenário cultural da região Nordeste naquele momento, os quais, por extensão, tiveram seus reflexos no Rio Grande do Norte, especificamente na capital do estado: o modernismo e o regionalismo. Nesse sentido, o processo de modernização da cidade do Natal, os aspectos que caracterizavam o lado mais tradicional da cidade, e os traços da cultura sertaneja são alguns dos assuntos que compõem o conjunto de textos pesquisados. A partir desses posicionamentos Câmara Cascudo figurou, na capital potiguar dos anos 20, com um dos principais articuladores do ambiente intelectual que foi capaz de discutir as ideias culturais e literárias em voga naquele momento no país, fato que habilitou tanto a intelectualidade e a produção literária local ao processo de discussão da moderna literatura brasileira.

**Palavras-chave:** literatura, modernismo, regionalismo, tradição, Câmara Cascudo.

O início da vida intelectual do escritor potiguar Luís da Câmara Cascudo ganhou maior visibilidade quando ele publicou, no início da década de 1920, seu primeiro livro, *Alma Patrícia* (1921). Esse livro teve por objetivo fazer um balanço das atividades literárias e teatrais no estado, estabelecendo os elementos iniciais para a construção da identidade e da tradição literária local. No ano de 1924, Câmara Cascudo publicou outro livro dedicado às letras, *Joio*. No momento de publicação dessa segunda obra, a intenção do autor era atingir um público mais amplo e já inserido na atmosfera de discussão do modernismo, uma vez que, além de focar a atividade literária local, através da atuação do poeta Ferreira Itajubá, ele escreveu sobre escritores e poetas nacionais e estrangeiros. Podemos dizer, também, que nesse livro Câmara Cascudo se divide entre o ficcionista e o crítico literário<sup>2</sup>. Contudo, a vida intelectual do escritor,

---

<sup>1</sup> Originalmente, esse texto se configura como o terceiro capítulo da nossa tese de doutorado, *Gilberto Freyre e Câmara Cascudo: entre a tradição, o moderno e regional*, defendida no ano de 2008 (PPgEL/UFRN). Nesse capítulo, denominado de “A tradição e os elementos regionais na pregação modernista”, é feita uma leitura dos textos esparsos escritos Luís da Câmara Cascudo e publicados nos jornais natalenses *A Imprensa* e *A República* nos anos de 1924, 1927, 1929 e 1928.

<sup>2</sup> Sobre os livros *Alma Patrícia* e *Joio*, dedicamos, em nossa dissertação de mestrado, *Modernismo e tradição: leitura da produção crítica de Câmara Cascudo na década de 1920* (PPgEL/UFRN, 2000), o

naquele período, não se resumiu apenas à publicação dos livros mencionados. A partir daquele momento, ele intensificou uma atividade intelectual cujas consequências vão desde a articulação para o incremento do ambiente intelectual na, segundo ele, “pacata cidade do Natal”, até a uma política de integração entre os intelectuais e escritores do estado com os nomes mais expressivos das artes nacionais e estrangeiras. Essa articulação do intelectual potiguar possibilitou, assim, um processo de intercâmbio entre a capital norte-rio-grandense e alguns dos centros produtores de cultura do país e do exterior naquele período, a exemplo do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Buenos Aires<sup>3</sup>.

A ação intelectual de Câmara Cascudo na década de 1920 é marcada sobretudo pela publicação de textos esparsos, escritos, primeiramente, para o jornal de propriedade de sua família, *A Imprensa*, e, depois, para *A República*. Através desses textos ele divulgou e discutiu com a intelectualidade local o assunto modernismo. É possível dizer, então, que, a partir de sua ação, o estado, naquele período, teve contato com o que existia de mais expressivo na literatura nacional e estrangeira. O resultado disso tudo pode ser verificado através das obras publicadas e da transformação da mentalidade dos artistas e intelectuais da cidade, que, após a movimentação iniciada na década de 1920, entraram em sintonia com a produção intelectual brasileira de forma mais sistemática.

Nos textos esparsos Câmara Cascudo divulgou os nomes e trabalhos de vários escritores e poetas estrangeiros. Se pensarmos a ação do crítico a partir da divulgação dos nomes mais representativos da comunidade latino-americana, entenderemos que a política de integração do continente, através da literatura, foi uma atividade intelectual que contou com a sua intensa colaboração, segundo nos revelam os textos. Naquele momento, Câmara Cascudo parece se interessar mais pelas literaturas de origem latino-americanas do que pelas literaturas da América do Norte ou da Europa<sup>4</sup>. O autor concentra suas ações nessa divulgação, assumindo, assim, uma postura diferenciada de outros escritores, a exemplo de Gilberto Freyre, em Pernambuco, cuja preferência se dera em torno das obras e autores dos países considerados maiores. Diante desse fato, podemos observar que, pelo intermédio de Câmara Cascudo, escritores e poetas brasileiros, e alguns que escreviam no Rio Grande do Norte, foram divulgados também nesses países por onde ele mantinha correspondentes.

---

capítulo “A vida literária na província: das manifestações ao sistema literário nacional”.

3 A esse respeito conferir Araújo (1995; 1997; 1998) e Ferreira (2000).

4 Podemos dizer que esse interesse quase que exclusivo pelas literaturas latino-americanas fora estratégico naquele momento, uma vez que, posteriormente, Câmara Cascudo publicou a tradução de três poemas do norte-americano Walt Whitman. Cf. MAMEDE (1970, p.640, vol.1 parte 2).

A preocupação com o continente americano não ficou restrita somente ao aspecto literário-cultural. O autor se preocupou também com a realidade econômica do continente. No texto “O dogma do imperialismo americano” (*A República*, 21 de junho de 1928), temos o exemplo de como é feita uma análise das atividades empreendidas pelos Estados Unidos da América, onde se destaca o esforço daquela nação para se tornar a grande potência naquele momento. Ao iniciar o texto, o autor comenta que nunca pode definir o seu americanismo. Ele acrescenta também que existe no continente “uma quase sociedade vastamente popular encarregada de espalhar coleras aos Estados Unidos”. Ele salienta, ainda, que “um dos argumentos é negar qualquer parcela de espiritualidade no yankee”. Trazendo para o centro debate a questão do americanismo, Câmara Cascudo objetivava promover a integração dos países, por ele denominado, do Centro-América, numa ação contra os Estados Unidos, e na tentativa de irmanar cada vez mais esses países pelo traço comum da criação artístico-literária, despertando, na intelectualidade de cada país, uma consciência que já existia sobre os aspectos comuns que eles possuíam<sup>5</sup>.

Os assuntos relacionados aos temas nacionais e regionais/locais também foram bastante discutidos por Câmara Cascudo naquele momento. Neste sentido, nossa pesquisa identificou vários textos nos quais o autor descreve e comenta elementos e idéias ligados diretamente ao estado de Pernambuco, e mais especificamente, a alguns fatos e figuras que faziam parte da vida literária da cidade do Recife com os quais ele conviveu intensamente. Sendo assim, a cena pernambucana com toda a sua tradição e com seus principais protagonistas não passou despercebida ao olhar atento e curioso do escritor norte-rio-grandense. Sobre Gilberto Freyre, por exemplo, um dos principais nomes no cenário pernambucano daquele momento, Câmara Cascudo publicou o texto “A bengala de Gilberto Freyre” (*A Imprensa*, 14 de março de 1924). A crítica feita por Câmara Cascudo já tinha, de certo modo, uma implicação, pois, ao afirmar que a bengala expressava melhor o estilo do autor do que seus artigos e crônicas, ele não entra no mérito do debate intelectual proposto por Gilberto Freyre, debate esse que, aos poucos, ia ganhando adeptos entre aqueles que o admiravam na cidade do Recife e, depois, entre vários outros seguidores pelo Nordeste afora, a exemplo da Paraíba e Alagoas. É de se notar que o escritor norte-rio-grandense tem uma posição crítica sobre

---

5 No texto “Literatura e subdesenvolvimento”, Antônio Candido (1989, p. 151) chama a atenção para esse traço comum das literaturas latino-americanas, cujos pontos que as identificam e as igualam são as influências diretas deixadas pela figura do colonizador europeu, seja através da literatura ou da cultura de forma mais geral. Segundo o estudioso, “As nossas literaturas latino-americanas, como também as da América do Norte, são basicamente galhos da metropolitana. E se afastarmos os melindres do orgulho nacional, veremos que, apesar da autonomia que foram adquirindo em relação a estas, ainda são em parte, reflexas”.

o estilo e a figura de Gilberto Freyre, cuja experiência estrangeira, americana e européia o fez trazer para a vida cultural do Nordeste as idéias baseadas no princípio da regionalidade, em que a tese principal era a defesa incondicional do patrimônio tradicionalista da região. A discussão em torno da bengala de Gilberto Freyre pode revelar, ainda, outro aspecto da vida literária da época em que a figura do dandi, descrito por Baudelaire, era incorporada, de forma descontextualizada em espaços como Recife, por exemplo. A mesma postura é assumida também pelo próprio Câmara Cascudo na cidade do Natal daquela época<sup>6</sup>. Sabemos que Câmara Cascudo não chega a ser um entusiasta das idéias de Gilberto Freyre, mesmo entendendo que a questão regional era um elemento fundamental dentro do processo de brasilidade que grande parte da intelectualidade buscava naquele momento<sup>7</sup>. Essa afirmação se faz tendo em vista que nenhum dos textos publicados por Câmara Cascudo nesse período faz referência direta às articulações que envolviam Gilberto Freyre, no sentido de permitir a identificação de um vínculo com o grupo liderado pelo pernambucano ou na defesa do movimento regionalista iniciado naquele período. Por outro lado, podemos dizer que, naquele instante, começava a surgir uma espécie de divisor de águas nas práticas literárias, tanto do Rio Grande do Norte, quanto de Pernambuco e do Nordeste. Levando em consideração tais situações, cabe aqui a indagar: não teria sido a discussão desse texto um dos motivos do distanciamento entre Gilberto Freyre e Câmara Cascudo? Ou a crítica do potiguar já não seria uma constatação de que, intelectualmente, os dois escritores se encontravam bastante distanciados? Como sabemos, eles tomaram posicionamentos diferentes em relação aos dois movimentos culturais daquele período: um movimento que já se consolidara no Centro-sul e começava a se irradiar pelo interior país, e o outro que começava a ser discutido pelos vários intelectuais que, como Gilberto Freyre, reivindicavam a retomada da hegemonia nordestina, a qual, a seu modo, era uma hegemonia pernambucana. Por outro lado, a ligação de Câmara Cascudo com os pernambucanos se deu mais com Joaquim Inojosa, o defensor do modernismo do grupo paulista, sendo também o seu principal divulgador no Recife e na região Nordeste<sup>8</sup>. Entretanto, não podemos esquecer que, mesmo em

---

6 Na crônica literária “Natal à noite”, publicada em *Joio* (1924), podemos perceber o momento exato em que Câmara Cascudo assumiu a figura do dandi.

7 Um fato que pode ilustrar esse sutil distanciamento entre as idéias de Luís da Câmara Cascudo e Gilberto Freyre é a não participação do potiguar no *Livro do Nordeste*, organizado pelo pernambucano, em 1925, durante as comemorações do primeiro centenário de fundação do *Diário de Pernambuco*.

8 É importante lembrar aqui que Joaquim Inojosa creditava à Câmara Cascudo uma atividade intelectual ímpar, chegando a afirmar, em um depoimento (INOJOSA, 1962, p. 111-113, citado em Araújo (1995, p. 48), que: “Dos escritores novos do Norte do Brasil, poucos os que vão realizando a obra de visão e

terra alheia, no caso Recife<sup>9</sup>, Câmara Cascudo exerceu certa influência sobre a cena literária daquela cidade. O fato que pode ilustrar essa influência do potiguar é que “por intermédio de Câmara Cascudo, Ascenso Ferreira entra em contato com Mário de Andrade, inicialmente através de cartas, ligando-se, posteriormente, a ele por laços de amizade” (AZEVEDO, 1996, p. 184).

Conforme indicam os textos, Câmara Cascudo estava bastante sintonizado com os acontecimentos literários da cidade do Recife, bem como era leitor das crônicas publicadas por Gilberto Freyre. Neste caso, a capital pernambucana funcionava como uma espécie de referência para o potiguar em termos do que era publicado sobre a cultura e a literatura. Mesmo não se filiando às idéias regionalistas de Gilberto Freyre, podemos perceber que a paisagem da região e a sua arquitetura são elementos que se destacam na observação do crítico. Com relação à arquitetura, Olinda se apresentava para Câmara Cascudo como um modelo de cidade que reagia ao processo de transformação desordenada, processo que imprimia nas cidades antigas um estado de desmantelamento de suas estruturas. Sendo assim, o crítico considera como positivo o fato de Olinda querer conservar-se no seu aspecto de “velha cidade quieta e doce”. Podemos dizer, então, que aqui encontramos uma sintonia entre as idéias de Gilberto Freyre e Câmara Cascudo, haja vista que para ambos, ressaltando-se as perspectivas dos pontos de vista de cada um, o processo de transformação apresentava-se como um fator de destruição de alguns aspectos da tradicional história da região. Entretanto, Câmara Cascudo não considerava que o processo de modernização deveria ser um acontecimento a ser banido da vida das cidades, conforme defendia o pernambucano. A percepção de Câmara Cascudo em relação ao processo de transformação está na perspectiva de que tal processo deveria ser mediado em torno da conservação dos elementos que compõem a permanência dos aspectos tradicionais, sejam elas da cidade ou da vida cultural em si, como forma de convivência entre as duas esferas. A enfática defesa das transformações acontecidas no interior e na capital norte-rio-grandense, ao longo da década de 1920, comprovam a opção feita pelo escritor, mesmo que, naquele momento, esse processo ainda se apresentasse de maneira não muito definida para ele,

---

emoção do sr. Luís da Câmara Cascudo. Residindo na cidade de Natal, diretor e proprietário de um jornal, não se contenta (e felizmente) com o meio que o tem visto envolver nas conquistas espirituais. [...] O Sr. Luís da Câmara Cascudo conhece quase todo o Brasil, e trabalha numa obra de aproximação mental entre os escritores argentinos e brasileiros, especialmente nortistas. Mantém, com os primeiros, assídua correspondência, informando-os da movimentação literária do nosso país. [...] Tem vinte e poucos anos de idade. Como é de notar, não se filiando a escolas, admira e acompanha os falangários da renovação artística que se está realizando nos países civilizados”.

9 No período de 1924 a 1928, Câmara Cascudo frequentou com certa regularidade a capital pernambucana, uma vez que era aluno da Faculdade de Direito do Recife.

ou seja, a modernização, principalmente do sertão, era algo que despertava preocupações no jovem escritor, uma vez que para ele tal modernização poderia modificar os hábitos e costumes do sertanejo.

A trajetória intelectual e os trabalhos desenvolvidos nos anos seguintes a década de 1920 demonstram que o projeto de Câmara Cascudo não se desvinculou do estudo das tradições locais, porém a perspectiva adotada pelo autor é que teve uma feição diferenciada daquela que via o elemento local como sendo uma força capaz de reabilitar a vida cultural e econômica da região para trazer de volta os momentos de glórias que foram vividos em um passado recente. Para os defensores do regionalismo, seria, então, através da reabilitação desses elementos do passado que a região enfrentaria as novas forças de transformações instituídas, principalmente, pelas modernas técnicas do trabalho, exigência do emergente capital de base industrial. Trabalhando em outra perspectiva, Câmara Cascudo foi construindo uma modalidade de estudo que via nas características tradicionais locais os elementos para se constituir o mapa da diversidade de costumes do país, desfazendo a idéia de que a arte deveria ser limitada ao aspecto circunscrito de um determinado espaço. Nessa perspectiva, o potiguar escreveu durante mais de cinquenta anos sobre os mais variados assuntos, desde a história de sua província aos contos populares ouvidos da boca de velhas contadoras de histórias. Recolheu das mais diversas fontes a cultura popular do Nordeste, pesquisou a arte religiosa, a linguagem, a música, a cantoria. Visitou a África onde colheu material para a sua *História da alimentação no Brasil*. Ele sempre reafirmou e valorizou a importância da memória presente na oralidade como base para o conhecimento da cultura brasileira, sendo de sua autoria obras importantes sobre o assunto, como *Vaqueiros e cantadores* (1937) e *Literatura oral no Brasil* (1952), as quais serviram para coroar um interessante trabalho iniciado lá na década de 1920.

A correspondência e amizade de Câmara Cascudo com Mário de Andrade pode ter despertado no escritor potiguar um maior interesse para o estudo dessa tradição popular. A troca de cartas entre os dois escritores se inicia em 1924 e vai até o ano de 1944. Sendo assim, os demais anos da terceira década do século passado foram decisivos para a ação intelectual do escritor norte-rio-grandense, bem como foram decisivos para alguns dos artistas e intelectuais com os quais ele se relacionava, uma vez que, bem ao gosto modernista, por aqui foram discutidas e produzidas obras que contemplavam aquela estética.

Como sabemos, logo no início da sua vida intelectual o autor norte-rio-grandense estava bastante preocupado em sistematizar os elementos que apontavam para uma incipiente



tradição literária local, tarefa que foi empreendida com êxito e que, de certa forma, surtiu efeito positivo e se concretizou com a publicação do livro de poemas de Jorge Fernandes em 1927<sup>10</sup>. Logo em seguida, Câmara Cascudo intensifica a sua pesquisa pelos caminhos da tradição popular e seu objeto de estudo é a tradicional cultura sertaneja, como se percebe nos textos sobre o folclore sertanejo que ele publicou entre os anos de 1927 e 1928. Naquele momento, podemos pensar que a própria presença de Mário de Andrade, diante de toda a riqueza cultural do sertão, foi um fator que contribuiu para que o autor do *Dicionário do folclore brasileiro* se consolidasse como estudioso da tradição popular.

Nos textos que o autor publicou e que tinham como temática elementos relacionados à cidade do Natal estão presente questões que diziam respeito à funcionalidade da capital do estado, incluindo, neste caso, o comportamento intelectual das suas mentes mais representativas. Se naquele momento era bastante evidente o processo de mudança implantado pelos ares da modernidade em outros espaços urbanos do país, o autor parece reivindicar a mesma situação para a sua cidade. Neste sentido, a questão do atraso em contraste com o processo da modernização o faz tomar atitudes que colocam, se não a cidade, mas parte da intelectualidade local em sintonia com os movimentos que estavam na vanguarda da transformação cultural do país.

A exemplo dos demais elementos, as velhas árvores seria a parte histórica da capital do estado que aliadas a outros entrariam na nova estruturação da cidade sem perder de vista o seu aspecto mais antigo e tradicional. Neste caso, seria o passado reivindicando do momento presente a mediação para uma convivência em harmonia. Aqui, Câmara Cascudo dá a entender que o processo de modernização precisava interagir com o passado da cidade como forma de preservar as tradições nela existentes. Essa questão da arborização também foi motivo de preocupação de Gilberto Freyre em Recife, cidade que, naquele momento, também passava por um processo de transformação para se adequar às novas ordens de valores arquitetônicos. Gilberto Freyre é bem mais incisivo do que Câmara Cascudo em suas colocações. Na análise sobre o processo de modernização da capital pernambucana, o autor do *Manifesto regionalista* sai em defesa da tradição da cidade nas várias formas em que ela se apresenta<sup>11</sup>.

---

10 Nesse livro podemos dizer que o poeta Jorge Fernandes consegue captar as questões literárias discutidas naquele momento, seja dando resposta às ideias defendidas pelos modernistas e regionalistas, bem como consolidando os elementos que configuram a tradição literária local.

11 Gilberto Freyre chamou atenção para a questão da arborização de Recife e o processo de desmatamento nos anos de 1924 e 1925 em textos que estão publicados em Freyre (1979).

Como sabemos, do ponto de vista literário e cultural, o ano de 1927 representa um momento de grande importância para a vida intelectual do estado, principalmente pelo aparecimento da obra poética de Jorge Fernandes. Para Câmara Cascudo esse foi um momento de mudanças, tanto no plano da ação intelectual como na vida pessoal, uma vez que o patrimônio construído pela sua família começou a decair, fato que pode ser comprovado com o fechamento do jornal de sua propriedade, talvez o mais importante bem que o escritor possuía, pois tinha a função de ser o principal porta-voz do grupo intelectual por ele liderado e que, de certa forma, estava agitando a vida cultural da provinciana cidade do Natal naquele momento. Interessante ressaltar que a publicação do livro de Jorge Fernandes faz com que a vida literária local ultrapassasse, mesmo que timidamente, as barreiras da Fortaleza do Santos Reis Magos - limite geográfico para se criar fama literária no estado, segundo observa o próprio estudioso -, para se integrar ao conjunto de obras modernistas que circulavam no Centro-sul do país, principalmente na capital do modernismo, São Paulo<sup>12</sup>.

Dessa forma, a ação empreendida por Câmara Cascudo durante os anos anteriores pareciam estar surtindo efeitos, uma vez que fora por seu intermédio que o assunto sobre a renovação da arte literária brasileira passou a ser comentado na capital norte-rio-grandense. Por outro lado, podemos pensar que as ações político-administrativas implementadas no estado, desde o começo da década, foram fatores positivos para se criar na população local, especialmente em alguns intelectuais e artistas, esse clima de mudança, cujo desejo maior parece ter sido o de inserir a provinciana capital no mundo das discussões estético-literárias, criando um diálogo com as principais mentes renovadoras da arte nacional e com vários daqueles intelectuais e artistas que se propunham a renovar a arte no continente latino-americano. Dessa forma, podemos dizer que, com a publicação da obra de Jorge Fernandes, a primeira parte dos objetivos de Câmara Cascudo estava concretizada, uma vez que essa obra chamou a atenção para um novo tipo de arte que era produzido fora dos espaços elitizados do Centro-sul. Cabe, aqui, lembrar que Câmara Cascudo chamou a atenção, também, para o fato de que a poesia de Jorge Fernandes não estava impregnada do rótulo regionalista,

---

12 Além dos comentários de Mário de Andrade no jornal paulistano, *Diário Nacional*, outros dois acontecimentos que deram maior visibilidade à obra poética de Jorge Fernandes, fora da cidade do Natal, foi a declamação do poema “Viva o Sol”, por D. Eugênia Álvaro Moreyra, na abertura do recital do teatro Sant-Anna, em São Paulo, no dia 13 de agosto de 1929, e a resenha feita por Antonio de Alcântara Machado, na *Revista de Antropofagia* (Ano I, No. I, p. 04, maio de 1928), na qual o crítico, dentre outras questões, escreve: “a poesia de Jorge Fernandes machuca. Deante dela fica-se com vontade de gritar como o próprio poeta na Enchente”. Sobre o recital de D. Eugênia Álvaro Moreyra, conferir o texto “Sobre Jorge Fernandes”, reportagem sobre o recital acontecido em São Paulo, que se encontra anexo no trabalho de Araújo (1995).



visto que a sua natureza era ser compreendida como arte brasileira. Ao analisar a obra Jorge Fernandes, Araújo (1997, p. 143-144) destaca esse aspecto:

A presença da cidade do Natal na sua poesia, como uma marca não regional, não tradicional, reforçará, antes, a face “brasileira” do poeta. Será este o poeta de uma cidade provinciana – mas capital de um estado e relativamente em contato com a modernidade – que produzirá poemas que tematizam a vida regional sem que seja, no entanto, regionalista.

A leitura dos textos em questão revelam a ação intelectual de Câmara Cascudo, ao longo da década de 1920, principalmente durante aqueles anos que possuem um significado maior na história literária do estado, a saber: 1924, início da divulgação do modernismo no Rio Grande do Norte; 1927, ano da publicação de *O Livro de poemas de Jorge Fernandes*, e 1928 e 1929, anos das visitas de Mário de Andrade ao estado. De maneira geral, podemos dizer que a articulação do autor serviu para se incluir a atividade intelectual local no circuito da inteligência nacional e até dos países latino-americanos, haja vista que o seu trabalho de intercâmbio entre os escritores de outros países aconteceu de forma bastante intensa. Com base nos elementos que os textos estudados nessa pesquisa nos oferecem, e em outras pesquisas que tematizam sobre a ação intelectual do autor, podemos afirmar que Câmara Cascudo esteve bem mais ligado ao grupo intelectual de São Paulo do que ao grupo dos regionalistas do Recife. A amizade com Mário de Andrade, aliada às duas visitas do escritor ao estado, e a pouca incidência do tema regionalismo nos textos do autor potiguar, dentro da linha ideológica defendida pelo grupo liderado por Gilberto Freyre, revelam que o seu interesse pela questão que deu corpo ao Centro Regionalista do Nordeste foi minimizado. Mesmo sendo praticamente inexistente o registro de uma atuação regionalista nos textos cascudianos é de ressaltar que o “príncipe do Tirol” participava da vida literária de Recife à época. Por outro lado, indícios da convivência do autor com os intelectuais de Recife apareceram na correspondência com Mário de Andrade, no momento em que o escritor norte-rio-grandense parece querer retirar de si qualquer vinculação com aquele grupo e com suas idéias, desfazendo assim a impressão do paulista que parecia acreditar que ele tivesse um envolvimento efetivo na direção do movimento, principalmente na organização do Congresso Regionalista.

#### **Referências Bibliográficas**

- 1] ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Asas de Sófia: ensaios cascudianos*. Natal: FIERN - SESI, 1998.
- 2] \_\_\_\_\_. *O lirismo nos quintais pobres: uma leitura da poesia de Jorge Fernandes*. Natal: Fundação José Augusto, 1997.
- 3] \_\_\_\_\_. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: Editora da UFRN, 1995.
- 4] AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e Regionalismo: anos 20 em Pernambuco*. 2 ed. João Pessoa: Secretaria de Educação e cultura da Paraíba, 1996
- 5] CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: 1989.
- 6] CASCUDO, Luís da Câmara. “O dogma do imperialismo americano”. *A República*, Natal, de junho de 1928.
- 7] \_\_\_\_\_. *Joio: páginas de literatura e crítica*. Edição Fac-similar de 1924: Mossoró: ESAM; Fundação Guimarães Duque, 1991 (Coleção Mossoroense, série C, v.749).
- 8] \_\_\_\_\_. “A bengala de Gilberto Freyre”. *A Imprensa*, Natal, 14 de março de 1924.
- 9] FERREIRA, José Luiz Ferreira. *Modernismo e tradição: leitura da produção crítica de Câmara Cascudo nos anos 20*. (Mestrado em Literatura Comparada) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, 2000.
- 10] \_\_\_\_\_. *Gilberto Freyre e Câmara Cascudo: entre a tradição, o moderno e regional*. (Doutorado em Literatura Comparada) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, 2008.
- 11] FREYRE, Gilberto. *Tempo de aprendiz*. (Artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor: 1918-1926). Nota de José Antonio Gonsalves de Mello, prefácio de Nilo Pereira, introdução do autor. São Paulo: Ibrasa/Brasília: INL, 1979, 2.v.
- 12] MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual: 1918/1968; bibliografia anotada*. Natal: Fundação José Augusto, 1970, 2.v em 3.

---

i José Luiz FERREIRA, Professor Doutor, Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA (Departamento de Agrotecnologia e Ciências Sociais) e Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN (Departamento de Letras Vernáculas). E-mail: joseluizferreira@hotmail.com